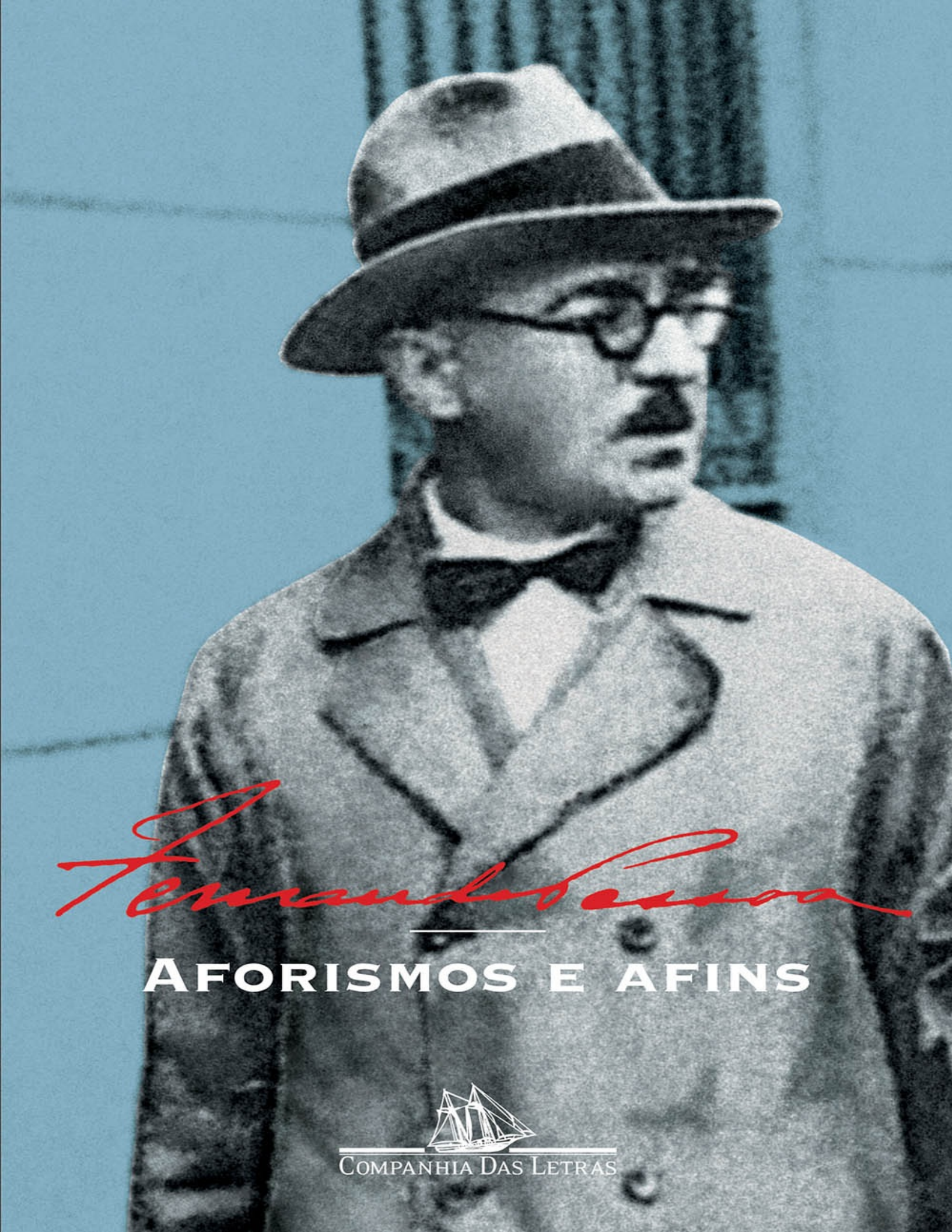


Fernando Pessoa

Aforismos e afins

Companhia Das Letras

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Fernando Pessoa

AFORISMOS E AFINS

edição e prefácio
Richard Zenith

tradução
Manuela Rocha



Companhia Das Letras

NOTA PRÉVIA

Em alguns, poucos, casos, o que nos parece um aforismo é, na verdade, o início de um poema ou um texto em prosa a que o autor não deu seguimento. Essas situações são mencionadas nas notas finais, que também indicam as fontes, as variantes de autor, as datas (quando existem) e outras informações que possam ajudar a situar os textos.

A ordem dada aos textos é assumidamente subjetiva. Houve alguma tentativa de aproximar os que apresentam a mesma temática, mas os que falam de Deus, ou dos Deuses, e da nossa relação com Ele(s) — tema que mais inspirou a veia aforística de Pessoa — foram divididos em vários núcleos ao longo deste pequeno volume. O leitor poderá reordenar os textos segundo outros critérios.

No primeiro número da *Revista de Comércio e Contabilidade*, dirigida por seu cunhado, Francisco Caetano Dias, Pessoa publicou um grupo de «Aforismos, Preceitos e Considerações Várias», de caráter prático e relacionados com o mundo comercial. O leitor interessado poderá encontrá-los no volume das «Obras de Fernando Pessoa» intitulado *Crítica* (Assírio & Alvim).

A ortografia dos textos foi atualizada e os lapsos evidentes de pontuação corrigidos.

Richard Zenith

When I consider how real and how true the things of his madness are to the madman, I cannot but agree with the essence of Protagoras' statement that "man is the measure of all things".

Quando reflicto sobre quão reais e verdadeiras são para o louco as coisas da sua loucura, não posso deixar de concordar com a essência da declaração de Protágoras de que «o homem é a medida de todas as coisas».

*

Não há normas. Todos os homens são excepções a uma regra que não existe.

*

Do indivíduo temos que partir, ainda que seja para o abandonar.

*

Diogenes (with a lantern in daylight) searched for a man; Plato did not search for a man.

Diógenes (*com uma lanterna acesa em plena luz do dia*) *procurava um homem; Platão não procurava um homem.*

*

Os Deuses são a encarnação do que nunca poderemos ser.

Bernardo Soares

*

Não haver deuses é um deus também.

*

Deus é o existirmos e isto não ser tudo.

Bernardo Soares

*

A diferença entre Deus e nós deve ser não de atributos, mas da própria essência do ser. Ora tudo é o que é. Portanto Deus é não só o que é mas também o que não é. Confunde-nos de Si com isso.

*

A natureza é a diferença entre a alma e Deus.

Bernardo Soares

*

Be complete in everything, for to be complete in anything is to be right. All roads arrive at the same place.

Sê inteiro em cada coisa, pois ser inteiro em qualquer coisa é estar certo. Todos os caminhos vão dar ao mesmo lugar.

*

I sometimes am struck with an astonished fear at my inspirations, at my thoughts, realizing how little of myself is mine.

Sinto, por vezes, um temor espantado das minhas inspirações, dos meus pensamentos, compreendendo quão pouco de mim é meu.

*

Ninguém entende ninguém. Tudo é interstício e acaso, mas está tudo certo.

*

Tudo quanto o homem expõe ou exprime é uma nota à margem de um texto apagado de todo. Mais ou menos, pelo sentido da nota, tiramos o sentido que havia de ser o do texto; mas fica sempre uma dúvida, e os sentidos possíveis são muitos.

Bernardo Soares

*

Nada é, tudo se outra.

*

Sê plural como o universo!

*

O que é preciso é cada um multiplicar-se por si próprio.

*

Dar a cada emoção uma personalidade, a cada estado de alma uma alma.

Bernardo Soares

*

O desdobramento do eu é um fenómeno em grande número de casos de masturbação.

*

No teatro da vida quem tem o papel de sinceridade é quem, geralmente, mais bem vai no seu papel.

*

Custa tanto ser sincero quando se é inteligente! É como ser honesto quando se é ambicioso.

*

A loucura, longe de ser uma anomalia, é a condição normal humana. Não ter consciência dela, e ela não ser grande, é ser homem normal. Não ter consciência dela e ela ser grande, é ser louco. Ter consciência dela e ela ser pequena é ser desiludido. Ter consciência dela e ela ser grande é ser génio.

*

If a dog were to start thinking as we do (an impossible hypothesis), that dog would be more perfect than other dogs and yet would be killed by them very probably, for they would consider him mad.

Se um cão começasse a pensar como nós (*hipótese impossível*)*, esse cão seria mais perfeito*

do que os outros cães e, no entanto, seria muito provavelmente morto por eles, pois achariam que era louco.

*

O homem é um egoísmo mitigado por uma indolência. O animal é a mesma cousa.

*

O homem não sabe mais que os outros animais; sabe menos. Eles sabem o que precisam saber. Nós não.

*

O homem é um animal que quer existir.

*

Odiamos o que quase somos.

We hate what we nearly are.[*]

---

[*] A tradução para inglês é de Pessoa.

*

Somos avatares da estupidez passada.

*

Que tragédia não acreditar na perfectibilidade humana!…
— E que tragédia acreditar nela!

*

Uma das formas de saúde é a doença. Um homem perfeito, se existisse, seria o ser mais anormal que se poderia encontrar.

*

Os psiquiatras sabem (às vezes) como trabalha o espírito doente, mas não como trabalha o espírito são.

*

Um dos aspectos da desigualdade é a singularidade — isto é, não o ser este homem mais, neste ou naquele característico, que outros homens, mas o ser tão-somente diferente deles.

*

Tão cansado de ter achado como de não ter achado. O fim e a soma do que somos, já o Pregador o disse: vaidade e aflição de ânimo.

*

Cansa tanto viver! Se houvesse outro modo de vida!…

*

A vida é cousa tão séria, os seus problemas são tão graves, que a ninguém assiste o direito de rir. Quem ri é estúpido — de momento, pelo menos. A alegria é a forma comunicativa da estupidez.

*

Evil is everywhere on earth, and one of its forms is happiness.

O mal está por toda a Terra e uma das suas formas é a felicidade.

*

We torture our brother men with hate, spite, evil, and then say "the world is bad".

Torturamos os nossos irmãos homens com o ódio, o rancor, a maldade e depois dizemos «o mundo é mau».

*

Can anything be filthier, dirtier than a pig?
If you speak of external things, no.

Pode alguma coisa ser mais imunda, mais suja do que um porco?
Se estivermos a falar de coisas externas, não.

*

I say to you: do good. Why? What do you gain by it? Nothing, you gain nothing. Neither money, nor love, nor respect, nor perhaps peace of mind. Perhaps thou gainest none of these. Why then do I say: do good? Because you gain nothing by it. It is worth doing for this.

Digo-vos: praticai o bem. Porquê? O que ganhais com isso? Nada, não ganhais nada. Nem dinheiro, nem amor, nem respeito, nem talvez paz de espírito. Talvez não ganheis nada disso. Então por que vos digo: Praticai o bem? Porque não ganhais nada com isso. Vale a pena praticá-lo por isto mesmo.

*

Não haja medo que a sociedade se desmorone sob um excesso de altruísmo. Não há perigo desse excesso.

*

Good is a necessary evil. If there were no good, or idea of it, we would not know evil, therefore good is itself an evil, and it is necessary (to know evil): a necessary evil. Q.E.D.*

O bem é um mal necessário. Se não existisse o bem, ou a ideia dele, não conheceríamos o mal, portanto o bem é ele próprio um mal, e é necessário (*para conhecer o mal*)*: um mal necessário. Q.E.D.**

---

* Quod erat demonstrandum.

*

A voluptuosidade de fazer justiça a um adversário.

*

The lust of hate cannot equal the lust of being hated.

A volúpia do ódio não pode igualar-se à volúpia de ser odiado.

*

Se algum dia alguém deixasse de me achar ridículo, eu entristecia ao conhecer-me, por esse sinal objectivo, em decadência mental.

*

A timidez é o mais vulgar de todos os fenómenos. O que há de mais vulgar em todos nós é termos medo de sermos ridículos…

*

A coragem que vence o medo tem mais elementos de grandeza que aquela que o não tem. Uma começa interiormente; outra é puramente exterior. A última faz frente ao perigo; a primeira faz frente, antes de tudo, ao próprio temor dentro da sua alma.

*

A justiça é para a bondade como a castidade para a timidez sexual.

*

Ser austero é não saber esconder que se tem pena de não ser amado.
A moral é a má hipocrisia da inveja.

Álvaro de Campos

*

A moral desinteressada, pela moral só, é misticismo, não é natural nem normal.

*

O ascetismo, que é o comando de si mesmo levado ao extremo do misticismo.

*

Mysticism is only the most complex way of being effeminate and decadent. The only useful side of uselessness.

O misticismo é apenas a forma mais complexa de se ser efeminado e decadente. O único lado útil da inutilidade.

*

Isto está tudo decadente: já nem decadentes há.

*

Nunca tive dinheiro para poder ter tédio à vontade.

*

O dinheiro, odioso espião do idealismo, às ordens do Real.

*

Com um charuto caro e os olhos fechados é ser rico.

Bernardo Soares

*

O futurismo vem a ser uma fotografia abstracta das cousas. Ora toda arte, seja como for, vá até onde for, é antifotográfica e concreta.

*

Todos nós temos momentos futuristas, como quando, por exemplo, tropeçamos numa pedra.

*

A nossa época industrial qualquer cousa há-de produzir.

*

Pertenço a uma geração — supondo que essa geração seja mais pessoas que eu — que perdeu por igual a fé nos deuses das religiões antigas e a fé nos deuses das irreligiões modernas. Não posso aceitar Jeová, nem a humanidade. Cristo e o progresso são para mim mitos do mesmo mundo. Não creio na Virgem Maria nem na electricidade.

Barão de Teive

*

A essência do progresso é decadência. Progredir é morrer, porque viver é morrer.

*

A triste confiança no futuro.

*

A vida é um mal digno de ser gozado.

Pantaleão

*

Esperar pelo melhor e preparar-se para o pior: eis a regra.

*

O pessimismo é bom quando é fonte de energia.

*

The greatest error that men can commit is to attempt to jump over the gradualness and evolution of nature and attempt to realize today what nature has penned for tomorrow.

O maior erro que os homens podem cometer é tentarem saltar por cima da gradualidade e da evolução da natureza e realizar hoje aquilo que a natureza previu para amanhã.

*

… os imperialismos do acaso e da desordem organizada.

*

… e a noite com o seu negro mistério roto de astros.

*

Os mistérios são da esperança.

*

All is the story of a motive and speaks of God for a moment.

Tudo é a história de um motivo e fala de Deus por um momento.

*

God is God's best joke.

Deus é o Seu melhor gracejo.

*

Deus é um conceito económico. À sua sombra fazem a sua burocracia metafísica os padres das religiões todas.

Álvaro de Campos

*

Haja ou não deuses, deles somos servos.

*

O inferno e o céu continuam a existir. São eternos. Quem os tira do céu tira-os para a terra.

*

Qualquer coisa se perdeu quando o Paraíso Perdido se ganhou.

*

Is not Death — even, perhaps, physiologically examined — a kind of birth — the birth perhaps of incomplete to complete or pure form?

Não será a morte — até, talvez, fisiologicamente vista — uma espécie de nascimento — o nascimento, talvez, do que era incompleto numa forma completa ou pura?

*

O conflito que nos queima a alma, deu-o Antero mais que outro poeta, porque tinha a igual altura do sentimento e da inteligência. É o conflito entre a necessidade emotiva da crença e a impossibilidade intelectual de crer.

Barão de Teive

*

O catolicismo é uma religião da panaceia, como o ateísmo ou o livre pensamento é

uma ilusão da farmácia.

*

O mar é a religião da Natureza.

*

Crer é errar. Não crer de nada serve.

Ricardo Reis

*

O que há de bom ou mau em qualquer crença, *qualquer*, é o modo como se crê. O bem ou o mal estão no psiquismo do crente, não na crença.

*

O agnosticismo puro é impossível. O único agnosticismo verdadeiro é a ignorância. Porque para nos radicarmos no agnosticismo é-nos preciso um argumento para nos persuadir que a razão tem certos limites. — Ora quem observa pode parar; quem raciocina não pode parar. Portanto quando pelo raciocínio havemos provado a limitação ou a não-limitação destas e daquelas faculdades, não podemos dizer: «paremos aqui» mas devemos seguir no raciocínio e tirar dessa limitação ou não-limitação as consequências deduzíveis. Assim fazem todos os «agnósticos» consciente ou inconscientemente.

*

Seeing will always be the best metaphor for knowing.

Ver será sempre a melhor metáfora de conhecer.

*

A visão é o tacto do espírito.

*

Perante o tacto — sentido anterior — o que é a vista? Um tacto telepático, um tacto à distância. Nada mais misterioso do que isto — *ver!* Ver! Ver! Há quem compreenda isto?

*

Os espíritos altamente analíticos vêem quase que só defeitos: quanto mais forte a lente mais imperfeita se mostra a cousa observada. O detalhe é sempre mau.

*

Por mais que se avance em cada ciência, chega-se a um ponto onde ou se tem de decretar arbitrariamente que além de ali se não quer ir, ou de parar de cansaço, tão de inexplicável em inexplicável se vai — e em qualquer dos casos fica, quer queiramos quer não, o vago para além do ponto onde, cansados ou teimosos, parámos.

*

A ciência é o querer adaptar o menor sonho ao maior.

*

Duvido, portanto penso.

*

A vida é a hesitação entre uma exclamação e uma interrogação. Na dúvida, há um ponto final.

Bernardo Soares

*

All sentences in the book of life, if read till the finish, will be found to end in a query.

Todas as frases do livro da vida, se lidas até ao fim, terminam numa interrogação.

*

I am not conscience-stricken, but consciousness-stricken.

Não sou assediado pela consciência, mas sim pela consciência do ser.

*

Memory is consciousness in time.

Charles Robert Anon

A memória é a consciência inserida no tempo.

Charles Robert Anon

*

Consciousness is the greatest prodigy of unconsciousness.
A consciência é o maior prodígio da inconsciência.

*

But how do I know I am conscious? Am I conscious that I am conscious? Is this possible?

Mas como é que eu sei que estou consciente? Estou consciente de que estou consciente? Será isto possível?

*

O pensamento ainda é a melhor maneira de fugir ao pensamento.

*

Ideas are wonderful — they and their form of association. In a moment we find we have traversed the world, and have put infinity between two thoughts.

As ideias são prodigiosas — elas e a maneira como se associam. Num momento, descobrimos que atravessámos o mundo, e que transpusemos o infinito entre dois pensamentos.

*

Thought has one vice. He coins a word to describe it — *to thing*.

O pensamento tem um vício. Cria um neologismo para o descrever — coisar.

*

O abuso de se sentir pensar.

*

I often think that it is not thoughts which are too deep for tears, but tears which are too deep for thought.

Alexander Search

Penso, muitas vezes, que não são os pensamentos que são demasiado profundos para as lágrimas, mas as lágrimas que são demasiado profundas para o pensamento.

Alexander Search

*

Feeling is extravagant thought.

O sentir é um pensar extravagante.

*

The preternatural nothing of the mind.

O nada sobrenatural do espírito.

*

Mine heart's inaccurate beating, if I feel.

O bater impreciso do coração, se sinto.

*

Prouvera aos deuses, meu coração triste, que o Destino tivesse um sentido! Prouvera antes ao Destino que os deuses o tivessem!

*

Não criou Deus ao mundo, senão só ao mundo que criou.

*

Desde o momento em que nos sentimos consciência-criadora-do-universo, sentimo-nos Deus.

*

O universo é o sonho de si mesmo.

*

Que a consciência da própria inimportância é o acume do conhecimento da vida.

*

Desceu sobre nós a mais profunda e a mais mortal das secas dos séculos — a do conhecimento íntimo da vacuidade de todos os esforços e da vaidade de todos os propósitos.

Barão de Teive

*

O homem perfeito do pagão era a perfeição do homem que há; o homem perfeito do cristão a perfeição do homem que não há; o homem perfeito do budista a perfeição de não haver o homem.

Bernardo Soares

*

… a realidade espúria do mundo

*

Zero is the greatest metaphor. Infinity is the greatest simile. Existence the greatest symbol.

O zero é a maior metáfora. O infinito a maior analogia. A existência o maior símbolo.

*

A vantagem dos símbolos é que não incomodam ninguém.

*

Uma ficção é um erro relativo. Um erro é uma ficção absoluta.
Relativamente ao sistema a que pertence, a ficção é um verdadeiro erro, aí, é a desarmonia das ficções.

António Mora

*

Um paradoxo tem valor só quando o não é.

*

O historiador é um homem que põe os factos nos seus devidos lugares. Não é como foi; é assim mesmo.

Álvaro de Campos

*

Science describes things as they are; Art as they are felt, as they are felt to be.

A ciência descreve as coisas como são; a arte como são sentidas, como se sente que devem ser.

*

The essential thing in art is to express; what is expressed does not matter.

O essencial da arte é exprimir; aquilo que se exprime não interessa.

*

Art is self-expression striving to be absolute.

A arte é a expressão de si mesmo lutando por ser absoluto.

*

Art for art's sake is, really, only art for the artist's sake.

A arte pela arte é, na realidade, apenas a arte em proveito do artista.

*

Quem escreve para obter o supérfluo como se escrevesse para obter o necessário, escreve ainda pior do que se para obter apenas o necessário escrevesse.

*

Não há pior que a arte dos que morrem, a não ser o pensamento dos que não existem.

*

A strong artist kills in himself not only love and pity but the very seeds of love and of pity. He becomes inhuman out of his great love of humanity — that love that prompts him to create art for man.
Genius is the greatest curse with which God can bless a man. It must be undergone with as little groaning and whining as possible, with as great a consciousness as possible of its divine sadness.

Um artista forte mata em si próprio não só o amor e a piedade, mas as próprias sementes do amor e da piedade. Torna-se desumano devido ao seu grande amor pela humanidade — esse amor que o impele a criar a arte para o homem.
O génio é a maior maldição com que Deus pode abençoar um homem. Deve ser sofrido com o mínimo possível de gemidos e queixumes, com uma consciência tão grande quanto possível da sua divina tristeza.

*

What man of genius is one who is not haunted by a sense of mission?

Que homem de génio não é obcecado por um sentido de missão?

*

Sou, bem sei, uma voz que clama no deserto. Não se esqueça porém V. Ex.ª que a voz que clamou no deserto foi a que anunciou o Salvador.

*

A family is not a lot of relatives; it is more than blood affinity, it must be also an affinity of temperament. A man of genius has often no family. He has relatives.

Uma família não é um grupo de parentes; é mais do que a afinidade do sangue, deve ser também uma afinidade de temperamento. Um homem de génio muitas vezes não tem família. Tem parentes.

*

Hunger must be appeased by eating and the soul-hunger of immortality by immortality itself. Both are true instincts.

A fome só se satisfaz com a comida e a fome de imortalidade da alma com a própria imortalidade. Ambas são verdadeiros instintos.

*

Love is a mortal sample of immortality.

O amor é uma amostra mortal da imortalidade.

*

The refining influence of a pure love, whether for a woman or for a boy, is one of the lovely things of earth.

A acção aperfeiçoadora de um amor puro, seja ele por uma mulher ou por um rapaz, é um dos encantos do mundo.

*

Eu gosto tanto de ti que tenho vergonha de mim. Há todas as razões boas para eu não gostar de ti, menos a de eu não gostar, porque gosto. É fantástico a gente sentir o que não quer e ter um coração independente.

*

Se de mim não me lembro, como me lembrarei de ti?

*

Love's young dream is very old.

O sonho jovem do amor é muito velho.

*

Podemos morrer se apenas amámos.

Bernardo Soares

*

Amar é cansar-se de estar só: é uma cobardia portanto, e uma traição a nós próprios (importa soberanamente que não amemos).

Bernardo Soares

*

Aimer c'est s'y méprendre.
Amar é equivocar-se.

*

Ser solitário para ser sincero e puro na alma. O homem — ente colectivo — é um ser corrupto.

Pantaleão

*

Quem não quiser sofrer que se isole. Feche as portas da sua alma quanto possível à luz do convívio.

Pantaleão

*

If you only knew the concentrated bitterness I strive to hide by all this nonsense. By the bye, do you know whether I am sincere in telling you this?

Se soubesses quanta amargura me esforço por ocultar com todos estes disparates! A propósito, sabes se sou sincero ao dizer-te isto?

*

Cada dia da minha vida é o dia mais infeliz da minha vida. Cada sonho é o sonho mais belo que eu tive.

*

O campo é onde não estamos. Ali, só ali, há sombras verdadeiras e verdadeiro arvoredo.

Bernardo Soares

*

My heart
Too proud to ask itself: would it be loved?

Meu coração
Demasiado orgulhoso para se perguntar: seria amado?

*

A beleza é grega.
Mas a consciência de que ela é grega é moderna.

*

To define the beautiful is to misunderstand it.

Charles Robert Anon

Definir o belo é não o compreender.

Charles Robert Anon

*

A delicadeza deve concluir-se, e não ver-se.

*

A grosseria só começa quando começa a delicadeza; e o impudor desde que o pudor exista.

*

Para muitos a religião ainda é um culto do falo, desprimitivado já pela perversidade da consciência.

*

Se a obscenidade não o fosse!

*

No fundo, o homem religioso é um hedonista. O instinto religioso geral é um instinto de prazer, de ter tudo *resolvido* na vida. Deter-se só perante a Verdade é doloroso para o homem. A Realidade é muda e fria.

*

Todo o prazer é um vício, porque buscar o prazer é o que todos fazem na vida, e o único vício negro é fazer o que toda a gente faz.

*

I felt pleased at finding myself in pleasure, glad at being glad: it was the pleasure of pleasure, *voluptas voluptatis*.

Senti prazer ao ver que tinha prazer, contentamento por estar contente: era o prazer do prazer, voluptas voluptatis.

*

… e os felizes que têm sobre a pele da língua a frase com que o pensamento se lhe revelou — a frase inevitável e igual à sua ideia, a frase expressão.

*

Dizer uma cousa falha, não porque sugerir seja melhor, mas porque ser é melhor.

*

Quando puderes dizer o teu grande amor, deixa o teu grande amor de ser grande.

Pantaleão

*

Os sonhos são como a tradução para uma língua de coisas intraduzíveis de outra; ou como a transposição para linguagem — forçosamente confusa ou complicada — de sentimentos vagos ou complexos, que a redacção normal não pode comportar.

Alguns têm na vida um grande sonho e faltam a esse sonho. Outros não têm na vida nenhum sonho, e faltam a esse também.

Bernardo Soares

*

Adia tudo. Nunca se deve fazer hoje o que se pode deixar de fazer também amanhã. Nem mesmo é necessário que se faça qualquer coisa, amanhã ou hoje.

Bernardo Soares

*

Nunca penses no que vais fazer. Não o faças.

Bernardo Soares

*

Só o primeiro passo é que custa. Mas depois do primeiro passo dado, o segundo é o *primeiro* depois desse. É bom reparar nisto e não dar passo nenhum… Todos custam.

*

It's a nice and a glorious thing to have been at a shipwreck or in a battle; the worst is that you must have been there to have been there.

Dr. Gaudêncio Nabos*

Ter estado num naufrágio ou numa batalha é algo belo e glorioso; o pior é que teve de se lá estar para se ter lá estado.

Dr. Gaudêncio Nabos

*

A melhor parte é de quem não pertence a nada, nem sofre a injúria da frustração ou o insulto do conseguimento.

*

… uma coisa difícil de definir, salvo como uma náusea física da vida.

Barão de Teive

*

---

* Personagem literária que surge por volta de 1905 e continua «activa» até pelo menos 1913, sendo referido por Pessoa no seu diário desse ano. Vejam-se outros textos assinados pelo Dr. Nabos em *Pessoa por Conhecer*, v. II, pp. 169-72.

In this desert of literary sand there is not the oasis of an explanation.

Neste deserto de areia literária não há o oásis de uma explicação.

*

Para quem é guiado pelo sentimento, a solução de qualquer questão é fácil.

*

Só quem nunca pensou chegou alguma vez a uma conclusão. Pensar é hesitar. Os homens de acção nunca pensam.

*

A fé é o instinto da acção.

Bernardo Soares

*

… o sagrado instinto de não ter teorias…

Bernardo Soares

*

O milagre é a preguiça de Deus, ou, antes, a preguiça que Lhe atribuímos, inventando o milagre.

Bernardo Soares

*

Somos o não-ser de Deus.
Plurais, não existimos; compostos, estamos mortos.

*

O cansaço de todas as hipóteses…

Bernardo Soares

*

O mundo exterior existe como um actor num palco: está lá mas é outra coisa.

Bernardo Soares

*

Quando discuto a existência duma cousa separo a cousa e a existência; mas, sem a existência, essa cousa = nada. Portanto não é assunto de discussão a existência de uma cousa.

*

Saber ser supersticioso ainda é uma das artes que, realizadas a auge, marcam o homem superior.

Bernardo Soares

*

Tendo visto com que lucidez e coerência lógica certos loucos justificam, a si próprios e aos outros, as suas ideias delirantes, perdi para sempre a segura certeza da lucidez da minha lucidez.

Bernardo Soares

*

A filosofia é a lucidez intelectual chegando à loucura.

*

Nobly to toil, sincerely to hope, tenderly to feel with man — this is the true philosophy.

Trabalhar com nobreza, esperar com sinceridade, enternecer-se com o homem — esta é a verdadeira filosofia.

*

Não ensines nada, pois ainda tens tudo que aprender.

Barão de Teive

*

Dar bons conselhos é insultar a faculdade de errar que Deus deu aos outros. E, de mais a mais, os actos alheios devem ter a vantagem de não serem também nossos. Apenas é compreensível que se peça conselhos aos outros para saber bem, ao agir ao contrário, que somos bem nós, bem em desacordo com a Outragem.

Bernardo Soares

*

A única vantagem de estudar é gozar o quanto os outros não disseram.

Bernardo Soares

*

A única atitude intelectual digna de uma criatura superior é a de uma calma e fria compaixão por tudo quanto não é ele próprio. Não que essa atitude tenha o mínimo cunho de justa e verdadeira; mas é tão invejável que é preciso tê-la.

Bernardo Soares

*

Despreza tudo, mas de modo que o desprezar te não incomode. Não te julgues superior ao desprezares. A arte do desprezo nobre está nisso.

Bernardo Soares

*

Nada há para mim mais repugnante, mais indigno de um homem que sabe que existe, do que a sede de justiça.

*

First be free; then ask for freedom.

Primeiro sê livre; depois pede a liberdade.

*

Ter opiniões é a melhor prova da incapacidade de as ter.

*

Uma opinião é uma grosseria, mesmo quando não é sincera.

*

Toda a sinceridade é uma intolerância. Não há liberais sinceros. De resto, não há liberais.

*

A tolerância é falha da falta de fé. Crer é não distinguir.

*

A elegância da descrença.

*

A inspiração poética é um delírio equilibrado (mas sempre *um delírio*).

Alexander Search

*

Aquela reinspiração, sem a qual traduzir é só parafrasear em outra língua.

*

É preciso acabar com o mito do poeta inspirado.

Álvaro de Campos

*

The poet is worth what his best poem is worth.

O poeta vale aquilo que vale o melhor dos seus poemas.

*

Two good poems are not worth more together than the better of the two.

Dois bons poemas não valem mais juntos do que o melhor dos dois.

*

Culture is a result, not a total, You may show you know the Greeks in a poem where you neither speak of them nor are influenced by them.
Experience is a form of culture. Hegel, in criticizing Goethe, said, in one of his great phrases, that he had "all the poverty of youth".

A cultura é um resultado, não uma soma. É possível mostrar que se conhece os gregos num poema onde nem se fala deles nem se é influenciado por eles.
A experiência é uma forma de cultura. Hegel, ao criticar Goethe, disse, numa das suas grandes frases, que ele tinha «toda a pobreza da juventude».

*

Cultura não é ler muito, nem saber muito; é conhecer muito.

*

Uma interpretação irónica da vida, uma aceitação indiferente das cousas, são o melhor remédio para o sofrimento, posto que o não sejam para as razões que há para

sofrer.

*

Nada é indiferente àqueles a quem tudo é indiferente. Um gesto, uma cor, tudo os deleita e os detém até que outra minimidade a destrona.

*

… a divina irrealidade das cousas.

*

A gramática é mais perfeita que a vida. A ortografia é mais importante que a política. A pontuação dispensa a humanidade.

*

A sorte de um povo depende do estado da sua gramática. Não há grande nação sem propriedade de linguagem.

*

O homem está acima do cidadão. Não há Estado que valha Shakespeare.

*

O mundo tem o usufruto da realidade que pertence ao ser.

*

O mundo não é verdadeiro, mas é real.

*

A realidade é o gesto visível das mãos invisíveis de Deus.

*

What we call matter is the dream of an infinite intelligence.

Aquilo a que chamamos matéria é o sonho de uma inteligência infinita.

*

If our mind could comprehend eternity or infinity, we should know everything. Till we can grasp that fact we can know nothing.

Se o nosso espírito pudesse compreender a eternidade ou o infinito, saberíamos tudo. Até podermos entender esse facto, não podemos saber nada.

*

The world of truth lies far above the distinctions of subject and of object.

O mundo da verdade está muito acima das distinções entre sujeito e objecto.

*

Ignorance is true innocence. The great thinker is the greatest *roué*.

A ignorância é a verdadeira inocência. O maior pensador é o maior debochado.

*

There is a depravity of intellect no less really than there is a depravity of character, and it is as possible for the one to be associated with the highest moral qualities, as it is for the other to coexist with the most signal intellectual abilities.

Há uma depravação do intelecto não menos real do que a depravação do carácter, e é tão possível a uma estar associada às qualidades morais mais elevadas, como à outra coexistir com as capacidades intelectuais mais extraordinárias.

*

A vaidade é a confiança no *efeito* do nosso valor, o orgulho a confiança em que temos valor.

*

Compreendo que um homem seja orgulhoso; não compreendo que mostre sê-lo.

*

Age como se não houvesse Deus, lembrando-te porém que Ele existe.

*

Goethe truly says that every man's God is as that man; is not then the God of the greatest man the greatest God?

Goethe diz, com verdade, que o Deus de cada homem é como esse homem; não será então o Deus do maior homem o maior Deus?

*

Para cada filósofo, Deus é da sua opinião.

*

Deus é racionalista, porque Deus é mesmo Razão.

*

— Deus, Deus, Deus? disse o anarquista. Há séculos que Deus morreu; mas tem levado tanto tempo a fazer-lhe o caixão que já infesta o ar de seu apodrecimento.

*

O Deus do idealista alarga-se para além da definição e da mais absoluta convertibilidade.

*

Quem tem as flores não precisa de Deus.

Alberto Caeiro

*

The very fact that we are proves all.

O próprio facto de sermos prova tudo.

NOTAS

Além das cotas dos originais que fazem parte do Espólio de Pessoa conservado na Biblioteca Nacional, procuramos indicar (mas não exaustivamente) as referências a publicações anteriores, no caso de textos já editados. Note-se que todas as referências às edições do *Livro do Desassossego* publicadas pela Presença e pela Relógio d'Água dizem respeito a textos que Pessoa não identificou como pertencentes ao *Livro*.

A abreviatura «dat.» indica «datilografado»; a ausência dessa indicação significa que o original foi manuscrito.

Abreviaturas de alguns dos livros citados:

EA — Fernando Pessoa, *Escritos Autobiográficos, Automáticos e de Reflexão Pessoal*, org. Richard Zenith, Lisboa, Assírio & Alvim, 2003.

EE — Barão de Teive (Fernando Pessoa), *A Educação do Estóico*, 2ª ed., org. Richard Zenith, Lisboa, Assírio & Alvim, 2001 (1ª ed., 1999).

LD-A — Bernardo Soares (Fernando Pessoa), *Livro do Desassossego*, 4ª ed., org. Richard Zenith, Lisboa, Assírio & Alvim, 2003 (1ª ed., 1998).

LD-P — Fernando Pessoa, *Livro do Desassossego*, org. Teresa Sobral Cunha, Lisboa, Presença, 2 vols., 1990-91.

LD-R — Fernando Pessoa, *Livro do Desassossego*, org. Teresa Sobral Cunha, Lisboa, Relógio d'Água, vol. I, 1997.

MR — Pedro Teixeira da Mota, *Fernando Pessoa, Moral, Regras de Vida, Condições de Iniciação*, Lisboa, Manuel Lencastre, 1988.

PC — Teresa Rita Lopes, *Pessoa por Conhecer*, vol. II, Lisboa, Estampa, 1990.

PE — Fernando Pessoa, *Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literárias*, 2ª ed., org. Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho, Lisboa, Ática, 1973 (1ª ed., 1966).

PI — Fernando Pessoa, *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*, org. Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho, Lisboa, Ática, 1966.

SP — Fernando Pessoa, *The Selected Prose of Fernando Pessoa*, org. Richard Zenith, Nova York, Grove Press, 2001.

TF — Fernando Pessoa, *Textos Filosóficos*, 2 vols., org. António Pina Coelho, Lisboa, Ática, 1968.

When I consider (133E/84)
Publicado em SP, p. 234.

Não há normas (75A/22)
Seguido de dois pequenos textos incluídos na presente edição e de um quarto texto, «O aristocrata é o que não obedece…», publicado em EA, p. 372.

Do indivíduo (133B/18).

Diogenes (144J/8v.).

Os Deuses (7/38)
Extraído de LD-A, p. 340.

Não haver (133M/15)
Precedido pelo título «Manipanso», projecto de ensaio não desenvolvido.

Deus é o existirmos (94/75)
Extraído de LD-A, p. 60.

A diferença (75A/22)
Var. a «Ora tudo»: «Ora cada coisa».

A natureza (9/17)
Extraído de LD-A, p. 164.

Be complete (28A/14)
Publicado em PC, p. 29. Precedido por uma passagem autobiográfica em francês publicada em PC, p. 29, e em EA, p. 90.

I sometimes (28/42)
Publicado em PC, p. 20. Var. a «is mine»: «is myself».

Ninguém entende (65/9l).

Tudo quanto (9/17)
Extraído de LD-A, p. 164.

Nada é, tudo (65/20)
Precedido por alguns versos soltos.

Sê plural (20/68)
Publicado em PI, 94.

O que é preciso (144A/21v.).

Dar a cada (4/44)
Extraído de LD-A, p. 63.

O desdobramento (144D2/32)
Publicado em PC, p. 477. Seguido de apontamentos sobre o *paulismo* publicados em EA, pp. 146-7.

No teatro da vida (133E/91).

Custa tanto (144D2/32)
Escrito na mesma folha que o penúltimo texto («O desdobramento…»).

A loucura (48B/59v.).

If a dog (15B1/80).

O homem é um egoísmo (133I/83)
A segunda frase foi dubitada.

O homem não sabe (23/11)
Publicado em TF, v. I, p. 164.

O homem é um animal (133E/83)
Escrito num envelope carimbado em Madrid em 1922.

Odiamos (133F/81)
Publicado em MR, p. 105. Seguido da frase «Nietzsche & Christianity».

Somos avatares (133B/29).

Que tragédia (144D2/123)
Extraído de LD-A, p. 276. Sem indicação explícita de Pessoa de que a passagem pertence ao *Livro*.

Uma das formas (133H/10)
Publicado em LD-R, p. 156. Encimado pelo título «Purismo Higiénico».

Os psiquiatras (75/72).

Um dos aspectos (133F/59).

Tão cansado (15B1/15)
Seguido de um texto em inglês intitulado «Advice to Young People of All Ages».

Cansa tanto (75A/22).

A vida é cousa (93/88v.).

Evil is everywhere (26C/21)
Publicado em SP, p. 235.

We torture (133/4).

Can anything (144J/8v.).

I say to you (26C/21)
Publicado em SP, p. 236.

Não haja medo (55I/41)
Seguido de outros apontamentos e precedido pela indicação «Ideais».

Good is (133E/47).

A voluptuosidade (144X/74).

The lust of hate (133G/86).

Se algum dia (133E/91)
A frase «sinal objectivo» foi dubitada.

A timidez (133F/65)
Precedido por um apontamento para «O Pó». Var. a «em todos nós»: «em nós».

A coragem (93/88v.).

A justiça (15B3/6).

Ser austero
Identificado, em «O Meu Manifesto a Toda a Gente», por António Botto, datável de 1923 (quando o seu livro *Canções* foi apreendido pela polícia), como sendo «de uma carta particular de Álvaro de Campos». Existem alguns exemplares do manifesto no Espólio (16A/47v., por exemplo, ou S7/38v.).

A moral (138A/64)
Publicado em LD-P, v. I, p. 242 e em LD-R, p. 230. Precedido por três apontamentos mais extensos.

O ascetismo (138A/59a).

Mysticism (26/82)
Apontamento provavelmente destinado a um texto introdutório (talvez um prefácio), cujo esboço se lhe segue, para poemas de Pessoa.

Isto está (133F/72).

Nunca tive (133L/39)

Publicado em LD-R, p. 133. Encimado por um título incompleto, «Carta de…».

O dinheiro (133E/86).

Com um charuto (9/6)
Extraído de LD-A, p. 359.

O futurismo (75/72)
Publicado, numa versão ligeiramente abreviada, em PE, p. 161.

Todos nós (75A/28).

A nossa época (133F/23a).

Pertenço (144Q/28v.)
Extraído de EE, p. 26.

A essência (55J/5).

A triste (133M/78).

A vida é um mal (273H/29)
Publicado em PC, p. 208.

Esperar (23/68)
Publicado em TF, v. I, p. 228, e, numa transcrição melhorada, em MR, p. 134.

O pessimismo (23/68)
Veja-se a nota anterior.

The greatest (144I/60).

… os imperialismos (133I/82)
As reticências iniciais foram acrescentadas por nós.

… e a noite (133F/85)

Publicado em LD-P, v. I, p. 232.

Os mistérios (133B/5).

All is the story (133I/86).

God is (92D/3)
Publicado em SP, p. 236.

Deus é um conceito (21/119)
Publicado em PI, p. 411.

Haja ou não (15B3/86)
Extraído de LD-A, p. 59. Sem indicação explícita de Pessoa de que a passagem pertence ao *Livro*. Datado de 24/3/1929.

O inferno (133/83).

Qualquer coisa (133I/97)
Escrito num rascunho do artigo que Pessoa publicou sobre a «Colónia Infantil Macfadden», em 1933.

Is not Death (133N/38).

O conflito (1/9)
Extraído de EE, p. 32.

O catolicismo (26/10).

O mar (35/11)
Escrito no pedaço de um envelope carimbado no Funchal em 22/4/1913.

Crer é errar (52/18)
Publicado pela primeira vez em *Poemas de Ricardo Reis*, org. Luiz Fagundes Duarte, Lisboa, INCM, 1994, p. 208. Talvez o primeiro verso de uma ode não desenvolvida, foi escrito numa folha com duas odes datadas de 28/9/1926.

O que há (133J/38).

O agnosticismo (22/95)
Publicado em TF, v. I, p. 128, numa transcrição algo diferente. Var. a «argumento»: «raciocínio»; a frase «observa pode parar» foi dubitada.

Seeing (133F/91).

A visão (133E/30).

Perante o tacto (133G/69)
Apontamento inacabado; transcrevemos só a primeira parte. A palavra «telepático» foi dubitada.

Os espíritos (133J/32)
As palavras «quase que» foram dubitadas.

Por mais que (138A/63v.).

A ciência (133D/71).

Duvido (133F/55).

A vida é a hesitação (7/38)
Extraído de LD-A, p. 340.

All sentences (133E/47)
Var. a «till the finish»: «till they finish».

I am not (154/2)
Publicado em SP, p. 237.

Memory (13A/74C)
Var. a «consciousness»:
«self-consciousness».

Consciousness (144J/38v.)

Escrito ao lado de um poema datado de 29/12/1907.

But how (13A/74A)
Escrito na mesma folha que o penúltimo texto, atribuído a C.R. Anon.

O pensamento (133D/16)
Precedido pela indicação «humedecido de génio».

Ideas (133/13).

Thought (26/56a).

O abuso (133F/85)
Publicado em LD-P, v. I, p. 231.

I often think (133/8).

Feeling (133B/73).

The preternatural (133B/75, dact.)
Var. a «preternatural»: «supernatural».

Mine heart's (133B/82, dact.).

Prouvera (94/100)
Extraído de LD-A, p. 195. Sem indicação explícita de Pessoa de que a passagem pertence ao *Livro*.

Não criou (133G/100v.).

Desde o momento (145/65)
Publicado em LD-R, p. 142. Seguido de apontamentos sobre William Blake e Victor Hugo.

O universo (38/7).

Que a consciência (133F/82)
Há uma referência, no mesmo suporte, a «Cinematographic Exhibitors' Diary, 1930».

Desceu sobre nós (144Q/24)
Extraído de EE, p. 17.

O homem perfeito (9/17)
Extraído de LD-A, p. 164.

… a realidade (133B/22)
As reticências iniciais foram acrescentadas por nós.

Zero (144J/8v.).

A vantagem (65/10v.)
Var. à frase inteira: «Os símbolos têm a vantagem de não incomodarem ninguém.».

Uma ficção (121/97)
Publicado em *Obras de António Mora*, org. Luís Filipe Teixeira, Lisboa, INCM, 2002, p. 300.

Um paradoxo (133F/90).

O historiador (9/7)
Na mesma folha figura um pequeno texto do *Livro do Desassossego* (LD-A, Trecho 234) e, no verso, um poema de Álvaro de Campos datado de 21/10/1931. Var. a «nos seus devidos lugares»: «no seu devido lugar».

Science (18/3)
Publicado em PE, p. 4.

The essential (18/3)
Publicado em PE, p. 4.

Art is (18/4)
Publicado em PE, p. 4.

Art for (145/30)
Publicado em SP, p. 238.

Quem escreve (19/9)
Publicado em PE, p. 126. Encimado pelo título «Reflexões soltas sobre literatura».

Não há pior (133F/90).

A strong artist (134A/46)
Publicado em SP, p. 238. Pessoa escreveu, em 1º/8/1918, uma outra formulação da primeira frase do segundo parágrafo: «genius, the greatest curse / That the Gods bless us with» (49A5/55).

What man (133A/60).

Sou, bem sei (133C/88).

A family (133G/31).

Hunger (133A/21).

Love is (133A/38)
Publicado em EA, p. 326. Extraído de uma comunicação mediúnica.

The refining (144Y/37)
Publicado em PC, p. 50. Seguido de uma pequena comunicação mediúnica.

Eu gosto (64/13).

Se de mim (133D/57)
Escrito no verso do manifesto «Aviso Por Causa da Moral», de 1923.

Love's young (133E/60).

Podemos morrer (9/7)
Extraído de LD-A, p. 232.

Amar é cansar-se (7/32)
Extraído de LD-A, p. 450.

Aimer (133C/40).

Ser solitário (273H/8)
A frase «ente colectivo» foi dubitada.

Quem não (273H/3).

If you only (144D2/42v.).

Cada dia (57/45)
Precedido por um fragmento de um poema inédito datado de 11/9/1913. Var. a «dia da minha vida é»: «dia é»; a palavra «tive» foi dubitada.

O campo (7/38)
Extraído de LD-A, p. 339.

My heart (133E/52).

A beleza (133/50)
A primeira frase começou por ser um título, sublinhado: *A beleza grega.* Depois Pessoa acrescentou o verbo «é» e a segunda frase.

To define (133A/29).

A delicadeza (133F/71).

A grosseria (133E/96)
A palavra «delicadeza» foi dubitada.

Para muitos (133E/96)
Var. a «muitos»: «muitas».

Se a obscenidade (133M/54).

No fundo (24/78)
Publicado em TF, v. II, p. 103. Var. a «geral»: «das massas».

Todo o prazer (4/68)
Extraído de LD-A, p. 293.

I felt pleased (133G/24).

… e os felizes (133F/100, dact.)
Numa lista de «Apontamentos», que inclui duas ideias para contos.

Dizer (133L/41).

Quando puderes (273H/8).

Os sonhos (133J/6).

Alguns têm (3/1)
Extraído de LD-A, p. 163. Var. a «esse também»: «esse sonho».

Adia tudo (5/5)
Extraído de LD-A, p. 440. Vars. a «deixar de fazer também amanhã»: «fazer amanhã» / «deixar para amanhã».

Nunca penses (5/5)
Extraído de LD-A, p. 440.

Só o primeiro (2723/86)
Publicado em LD-R, p. 264. Surge numa folha com outros três apontamentos, um dos quais em inglês (sobre Bacon). Var. a «do primeiro passo dado»: «de dado o primeiro passo».

It's a nice (2721L4/18)
Publicado em PC, p. 172. 1ª versão de «in a battle»: «at a battle»; 1ª versão de «must have been»: «must be».

A melhor (133F/100, dact.)
Publicado em MR, p. 135.

… uma coisa (8/1, dact.)
Extraído de EE, p. 47. No documento 133F/100, referido na nota anterior, encontra-se um apontamento

parecido: «Uma náusea súbita da totalidade do mundo».

In this desert (133M/81).

Para quem (133J/47).

Só quem (133F/74, dact.)
Publicado em LD-P, v. I, p. 244. Pessoa iniciou uma quarta frase com a palavra «Os», mas não lhe deu seguimento.

A fé (Sinais 3)
Extraído de LD-A, p. 288.

… o sagrado (2/8, dact.)
Extraído de LD-A, p. 248.

O milagre (7/38)
Extraído de LD-A, p. 340.

Somos o não-ser (153/83)
Var. a «o não-ser»: «os não-seres».

O cansaço (7/38)
Extraído de LD-A, p. 340.

O mundo exterior (9/48)
Extraído de LD-A, p. 346.

Quando discuto (133F/98).
Saber ser (8/2)
Extraído de LD-A, p. 351.

Tendo visto (5/27)
Extraído de LD-A, p. 382. Var. a «loucos»: «delirantes sistematizados».

A filosofia (144P/81v.)

Var. a «chegando»: «levada até».

Nobly (133/3)
Publicado em MR, p. 125. Um de vários apontamentos subordinados ao título «The Philosophy of Dirt».

Não ensines (73/2)
Extraído de EE, p. 42.

Dar bons (7/32)
Extraído de LD-A, p. 450. Var. a «insultar»: «não respeitar».

A única vantagem (7/33)
Extraído de LD-A, p. 450.

A única atitude (7/33)
Extraído de LD-A, p. 451.

Despreza tudo (5/5)
Extraído de LD-A, p. 441.

Nada há (133F/85)
Publicado em LD-P, v. I, p. 231.

First be (33/42v.)
Há, no reverso da folha, um poema datado de 3/9/34.

Ter opiniões (22/1)
Publicado pela primeira vez em TF,
v. I, p. 3.

Uma opinião (133B/39)
Extraído de LD-A, p. 267. Sem indicação explícita de Pessoa de que a passagem pertence ao *Livro*.

Toda a sinceridade (133B/39)
Extraído de LD-A, p. 267. Sem indicação explícita de Pessoa de que a passagem pertence ao *Livro*.

A tolerância (138A/59a).

A elegância (153/83).

A inspiração (144M/31)
A palavra «poética» foi dubitada.

Aquela reinspiração (65/20).

É preciso (75A/19).

The poet (48A/50a).

Two good (48A/50a).

Culture is (48A/50).

Cultura (55F/4)
Escrito num impresso da Empreza Ibis. 1ª versão de «nem saber muito; é conhecer muito»: «é assimilar muito».

Uma interpretação (138A/11, dact.)
Publicado pela primeira vez em Fernando Pessoa, *Obra Poética*, Rio de Janeiro, Ed. José Aguilar, 1960, p. XXXVIII. Seguido de um apontamento sobre o pensamento de Walter Pater.

Nada é indiferente (133G/82)
Escrito num envelope carimbado, em Lisboa, com a data de 4/4/1913.

… a divina (133L/72)
As reticências iniciais foram acrescentadas por nós.

A gramática (138/70v.)
Apontamento integrado num texto inacabado que fala de humanismo, de nacionalismo e da geração literária de Pessoa. 1ª versão de «dispensa»: «exclui»[?].

A sorte (138/70)
Veja-se a nota anterior.

O homem está (64/14)
Precedido por versos de poesia.

O mundo tem (22/29)
Publicado em TF, v. I, p. 41.

O mundo não (133B/28)
Escrito em papel timbrado da revista *Athena*.

A realidade (133G/56).

What we call (133I/100).

If our mind (133H/1).

The world (133/1).

Ignorance (133D/83).

There is (15B1/95)
A palavra «highest» foi dubitada.

A vaidade (133F/84)
Escrito num convite para a inauguração de uma exposição de pintura realizada em 1º/5/1923. Var. a «do nosso valor»: «da nossa personalidade».

Compreendo (15B3/54)
Seguido de apontamentos sobre o orgulho.

Age como (154/4)
Publicado em MR, p. 103. Escrito no verso de um exemplar de «Sobre um manifesto de estudantes», de 1923.

Goethe truly (24/115)
Publicado em TF, v. II, p. 143.

Para cada (133F/85)
Publicado em LD-P, v. 1, p. 231.

Deus é racionalista (154/4)
Publicado em MR, p. 104. Veja-se a antepenúltima nota.

— *Deus, Deus* (2723/104)
Na mesma folha, figura o seguinte apontamento, cuja primeira frase reaparece numa carta que Pessoa escreveu a Armando Teixeira Rebelo em 24/8/1909: «In Portalegre there is nothing to do but get tired of doing nothing. There is a complete emptiness of all there». Pessoa encontrava-se em Portalegre para comprar máquinas com que montaria, em Lisboa, a tipografia Ibis. Var. a «ar de seu»: «ar com seu».

O Deus (133F/1).

Quem tem (67/69)
Publicado em Alberto Caeiro (Fernando Pessoa), *Poesia*, orgs. Fernando Cabral Martins e Richard Zenith, Lisboa, Assírio & Alvim, 2001, p. 183.

The very fact (133/2)
Um de vários apontamentos subordinados ao título «The Philosophy of Dirt».

Copyright© 2003 by Assírio & Alvim



Instituto Português do Livro e das Bibliotecas



Ministério da Cultura

Edição apoiada pelo Instituto Português do livro e das Bibliotecas

Capa:
João Baptista da Costa Aguiar
Revisão:
Marise Simões Leal
Carmen S. da Costa

ISBN 978-85-438-0268-8

Nos textos de Fernando Pessoa
manteve-se a grafia vigente
em Portugal

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone (11) 3707-3500
Fax (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br

Sumário

Capa
Rosto
Nota prévia
Notas
Créditos